

o DOBRO
e a METADE

- Cartas ao Pai Natal -

Por Paula Lee

SUMÁRIO:

1- Leve	pág. 02
2- O Dobro e a Metade	pág. 06
3- Sobre os textos	pág. 15
4- Sobre a autora	pág. 16

Leve

Querido Pai Natal,

Quero que dessa vez você traga um saco maior do que aquele do ano passado.

Não me importa se, afinal, não trouxer tudo aquilo que eu sempre desejei, tudo o que eu quis desde os dedos dos pés até às pontas dos cabelos, tudo aquilo que eu sempre sonhei esse ano inteiro.

Mas eu quero, Pai Natal, eu repito, eu quero que traga um saco bem grande.

Não perdi as esperanças e o gosto pela vida ao ponto de ter deixado de desejar ou de sonhar. Talvez eu esteja mais apaixonada pela vida do que nunca. Digamos, Pai Natal, que hoje eu me concentre em outros tipos de prioridades, digamos que eu aprendi, nesse novo ano que agora se transformará num ano velho, a ter desejos mais realistas, mais sensatos. Digamos, Pai Natal, que esse ano eu quero fazer uma grande mudança.

Não me importo que não me traga nada, desde que leve algumas coisas no seu saco. Que leve tudo para bem longe. Queime, apague, jogue num rio, faça o que bem entender.

Eu quero que você coloque dentro do seu saco algumas coisas que eu já não mais preciso, tudo o que agora me parece tão fútil, tão supérfluo. Pai Natal, eu estou fazendo uma faxina na minha vida, quero que leve tudo para que eu me sinta mais leve!

Quero que meta dentro do seu saco todas as minhas mágoas, todas as minhas tristezas, toda a minha angústia, todas as minhas decepções, todas as minhas lágrimas com todos os

meus soluções, todos os meus constrangimentos e todos os meus desgostos.

Leve tudo o que eu devia me esquecer e não esqueci, apesar de fingi-lo bem. Leve tudo aquilo que eu não me lembrei e devia ter lembrado, e já não tinha como fingi-lo.

Se não for pedir demais, quero que coloque no seu saco todos os meus exageros, todos os meus caprichos, todos os meus erros, todos os meus recuos, todo o meu desespero, toda a minha precipitação, toda a minha ansiedade, todo o meu egoísmo tão bem ignorado, toda a minha falta de astúcia e toda a minha ingenuidade, todas as minhas desconfianças infundadas, todos os meus esquecimentos e ausências, todos os meus preconceitos, toda a minha ignorância, todo o meu medo, toda a minha imprudência, toda a minha fraqueza, toda a minha hesitação, toda a minha falta de fé, todo o meu egocentrismo, todo o meu sarcasmo e toda a minha teimosia.

Quero que coloque aí toda a minha falta de voz quando algo deveria ser dito, todo o nó da garganta quando eu precisava mesmo de dizer alguma coisa ...e também todas as palavras que nem deveriam ter saído da boca.

Leve todos os meus palavrões insensatos, toda a minha polidez que tão bem disfarçou a minha fúria, todos os meus murmúrios que não tiveram a força de um grito, todos os gritos que perderam a força das palavras, todas as minhas rezas decoradas que nunca representaram o diálogo que eu gostaria de ter com Aquela Força Maior.

Enfia aí todo o ‘talvez’ que eu esperei que tivesse sido um sim, todo o ‘sim’ que eu dei querendo dizer não, todo o ‘não’ impensado que bem poderia ter sido um sim.

Leve todo o ‘se’, toda a minha inconsequência e todas as más consequências, toda a minha inconsistência e todos os meus pensamentos confusos, todas as minhas certezas que se revelaram erradas, todos os meus acertos que se revelaram incertos, toda a minha firmeza trémula, toda a minha segurança gaga e toda a minha indecisão, juntamente com todas as minhas culpas e todas as minhas desculpas.

Leve todos os momentos de interrupção de algo que poderia ter sido mágico, todas as minhas falhas e fracassos, todas as minhas más escolhas, todos os meus castigos que não fizeram com que eu aprendesse exactamente coisa nenhuma, todos os meus deslizos e quedas que não se converteram em aprendizados, todas as punições a que eu mesma me submeti, todas as minhas

reclamações, toda a minha exigência com o mundo onde eu vivo, todas as minhas exigências comigo mesma, todas as promessas que eu não cumpri, todas as páginas brancas que eu não preenchi de entusiasmo, todos os projectos que só serviram para ocupar espaço na gaveta, todos os sentimentos que não sobreviveram e todo o meu arrependimento que agora já não serve para nada.

Falta coisa, Pai Natal, põe aí todas as minhas perdas, todos os velórios, todas as pessoas que partiram sem voltar, todas as vezes que eu morri sem conseguir ressuscitar, todas as vezes que eu morri afogada antes de ter entrado no mar, todas as vezes que eu fiquei me velando, todo o meu estado de coma quando ainda estou viva e saudável, todo o desânimo que por vezes parece mais forte que o desejo de seguir em frente, assim como toda a minha lentidão em perceber o que deve ser feito e que tem que ser feito já.

Entulhe nesse saco todo o tempo que eu não tive para aquilo que deveria ser o mais importante e todo o tempo que eu gastei, desperdicei e remói com aquilo que não deveria ter importância nenhuma. Leve todos os relógios que tentam controlar o meu tempo, leve a minha perda de tempo e os meus ponteiros quebrados.

Leve toda a minha pressa que não me permite saborear o que há de mais belo na vida, e todo o comodismo que não me incentiva a viajar em busca de novos sabores.

Espera aí, Pai Natal, não esqueça de levar todas as minhas insónias, todos os meus problemas que aguardam impacientes e de pé na interminável fila de espera, todas as ruas sem sinais, todas as frases sem pontuação, todo o trânsito caótico do meu deserto, todas as músicas que eu não decorei, todos os sambas que não moveram as minhas ancas nem os meus pés, todas as minhas relações sexuais sem orgasmo, todas as pedras do caminho, todos os espinhos das rosas, toda a ressaca do álcool, todas as portas fechadas, todos os meus sorrisos fingidos, todos os conselhos que eu deveria ter ouvido e todos os outros que eu deveria ter ignorado.

Já vai embora, Pai Natal? Espere, ainda faltam as máscaras que eu coloco sem antes ter me dado conta, todos os meus disfarces e todas as minhas contradições.

Leve todas as minhas falhas com o outro e as que cometo comigo mesma. Leve toda a minha falta de comiseração com o problema alheio, quando eu acho que os meus problemas são sempre maiores que os de toda gente, mesmo que nunca o admita em público, mas leve também toda essa minha contradição, das

vezes em que pareço compreender os problemas dos outros, das vezes que pareço ver que os problemas alheios são maiores que os meus, das vezes que isso serve de desculpa para o meu comodismo, como uma pessoa endividada que justifica seu erro analisando a dívida externa de um país, como se só os grandes problemas merecessem ser observados, como se a consciência individual não servisse, como se apenas tivesse validade uma consciência universal, que nos redime de todos os nossos erros que parecem insignificantes.

Não me olhe com essa cara, Pai Natal, é claro que ainda falta muita coisa! Leve toda a minha impotência, tudo o que eu não fiz por medo de me arrepender, tudo o que fiz e já me arrependi, tudo aquilo que já não tem mais volta, toda a minha verdade tão frágil, toda a minha abstinência, todos os meus conceitos relacionados à felicidade, uma tal felicidade que talvez nem seria felicidade ao vivo e a cores, uma felicidade que talvez só seja boa dentro da minha imaginação, que se chamaria tédio se ela saísse lá de dentro.

Leve todos os meus pensamentos e sentimentos camuflados, toda a minha sociabilidade tão adaptada ao mundo que temos hoje, toda a minha aceitação tão horrivelmente natural a um mundo cruel, toda a minha frieza quando leio as notícias trágicas no jornal sem me indignar, toda essa minha normalidade dentro do que deveria ser considerado anormal e toda a minha distância dessa realidade, como se eu não fizesse parte, como se não estivesse incluída e não tivesse também um papel e uma missão a cumprir nisso tudo.

Leve todas as minhas feridas mal curadas, todas as minhas cicatrizes, toda a minha indiferença com aquilo que não me atinge ou por enquanto não parece me atingir.

Leve todo o meu racionalismo que não me permite ser emocional e toda a minha emoção que não me deixa ser racional.

Leve toda a minha solidão tão bem cercada de testemunhas, todo o meu vazio preenchido, todo o eco do meu silêncio, toda a minha loucura tão sã e toda a minha embriaguez tão sóbria.

Leve todos os muros que não se converteram em desafios, todas as regras que eu não quebrei e aquelas que quebrei apenas por vaidade, todas as prisões onde eu me exilei por vontade própria, leve toda essa minha covardia que eu experimentei nos momentos de fuga. Leve todo o amor que eu não dei e todo o amor que eu não me permiti receber.

Pai Natal, você por acaso não teria um caminhão?

O Dobro e a Metade

Muitas vezes eu fiquei assustadoramente confusa em relação aos meus pedidos. Passava o ano inteiro ansiando por algo que eu queria muito, e, quando o conseguia, pulava de emoção no princípio, para mais tarde esse deslumbramento ser deixado para trás em pouquíssimo tempo.

É como se eu tivesse passado tanto tempo a sonhar com aquilo que almejava que, no momento em que conseguia atingi-lo, este já perdesse boa parte do seu sabor.

Aquela boneca que eu tanto queria quando criança deixou de ser importante para mim, assim que me deparei com outra mais bonita numa loja. Pai Natal, eu detesto essa superficialidade!

Já aquela boneca que consegui no ano seguinte era mais bonita que a das minhas amigas, até chegar uma menina e me mostrar aquela que era mais bonita que a minha. Pai Natal, eu detesto essa inveja, essa inveja que senti um dia por uma menina da minha idade, apenas por causa de uma boneca!

Pai Natal, como é que nós conseguimos viver nesse mundo tão materialista e tão cercado de aparências?

Um dia eu tive a oportunidade de fazer três pedidos para um Génio da Lâmpada. (Se eu estou conversando com um Pai Natal, porque é que você pensaria que eu não acreditaria também na existência de um Génio da Lâmpada?) Sabe o que foi que eu descobri? Eu descobri o quanto os nossos pedidos podem ser perigosos.

Ok, eu poderia ter pedido paz. Mas o que é simplesmente a paz, Pai Natal? Não é aquela coisa morna e sem graça, onde nada acontece? Sempre achei que deve ser um tédio viver no Paraíso, aquele tal Paraíso que tentaram me descrever nas aulas de catequese. Paraíso para mim é poder beijar na boca, é dançar até não sentir as pernas, é me apaixonar até deixar de sentir o chão

debaixo dos pés, é tomar banho de chuva, é rir de qualquer coisa, é fazer palhaçada, é ler e viajar para um outro mundo, é sentir essa sede de viver mais e de viver cada vez mais, é me lambuzar com chocolate, é ouvir Chico Buarque.

Pensei em pedir pela felicidade, mas o que é também a felicidade? A felicidade engloba tanta coisa! Você já viu uma pessoa feliz 24h por dia, todos os trezentos e tais dias do ano? Não, eu também nunca vi. E você acha que ela é menos feliz por causa disso? Eu acho que não. A vida é feita de pequenos momentos de felicidade, momentos de grande euforia, aqueles momentos que vão nos marcar para sempre. A vida seria feia se não pudéssemos nem mesmo fazer uma selecção daquilo que foi mais importante, daquilo que determinou que uma coisa ou outra mudasse completamente de rumo.

A vida é feita de altos e baixos. Tem dia em que você está por cima da carne seca, tem dia que você está lá em baixo, no fundo do poço. Tem felicidade maior do que conseguir se levantar depois de uma queda? Tem felicidade maior do que conseguir algo depois de um bom tempo de luta? Se eu fosse sempre feliz, talvez quisesse experimentar a felicidade de chorar um bocado. Se eu fosse sempre feliz, talvez não valorizasse essa felicidade, não aprendesse a conquistá-la, viveria completamente em paz com a minha felicidade, e nada aconteceria, e é um tormento total quando nada acontece.

Pai Natal, eu gosto quando as coisas acontecem. É isso o que me motiva a viver. Sabe do que é que eu gosto nessa vida? Das experiências. De poder observar, experimentar, tocar, saborear. Não gosto de experiências mornas, não gosto de sentir nem viver nada pela metade, não gosto daquilo que não me tire o fôlego, que não me deixe sem ar, gosto de vez ou outra experimentar aquela sensação de euforia, gosto que algo verdadeiramente chocante aconteça.

Pai Natal, faz um *strip-tease* para mim?

Estou brincando Pai Natal, não vai ter um enfarto antes de ler a minha carta!

Eu sei, você está curioso, quer logo saber o que é que eu pedi para o Génio da Lâmpada, não é? Está bem, eu conto, mas tenho a certeza que você não vai se surpreender nadinha comigo, eu fui igual todo mundo, eu tinha um Génio da Lâmpada na minha frente, o que me dava a liberdade e a oportunidade de ser completamente *cliché*.

Primeiro, Pai Natal, eu pedi para ser muito bonita, eu queria ser a mulher mais bonita do mundo. Eu sei, é fútil, Pai Natal, é completamente fútil, eu deveria ter vergonha de contar uma coisa dessas nessa carta. Mas Pai Natal, antes de ficar me chamando de fútil, você tem que reclamar e brigar com um mundo inteiro, que vende essa imagem, que nos obriga a ter certos padrões estéticos.

Pai Natal, você só tem essa barriguinha e essa barba branca aí porque você é Pai Natal, porque faz parte da sua imagem. Se você não fosse o Pai Natal, alguém já teria lhe obrigado a entrar num *spa*, você teria que ir para o ginásio pelo menos 3 vezes por semana, seu cabeleireiro iria te rapar a cabeça ou levantar os fios do cabelo curto com gel, talvez até faria umas madeixas loiras, vai depender da moda actual. Ninguém nunca lhe disse que a sua roupa é completamente fora de moda? Sei que inúmeras pessoas se vestem como você nessa data, Pai Natal, mas é apenas no Natal. Se num dia normal alguém saísse com essa sua roupa na rua, seria internado num manicómio imediatamente! O negócio agora é ser original, Pai Natal, todo mundo cobra isso de você, temos que ser originais, temos que ter estilo. Ou seja, você tem que ser diferente. Mas se você for muito diferente, Pai Natal, você está fora de moda, você está fora de tudo, você é um Zé-ninguém. Você tem que ser diferente, mas sem deixar de ser igual a todo mundo, entendeu? Pois é, eu sei que parece complicado... Você tem que seguir todas as regras, vestir o que eles vestem, comer o que eles comem. Pai Natal, esse gorro é ridículo, você é careca?

Pai Natal, o negócio funcionou. Em um segundo, eu tinha me transformado, o que deve ter criado um certo ódio dos cirurgiões plásticos pelo meu Génio da Lâmpada. Eu cresci pelo menos uns 15 centímetros, minha pele se tornou lisa e macia, meu rosto era todo proporcional, eu até medi com a régua, meus olhos eram mais arregalados e mais vivos, a minha boca era mais sedutora que a da Angelina Jolie, eu sei que isso não parece possível, mas era, as minhas pernas eram longas, seios grandes e sem silicone, cabelo a bater nas ancas, sorriso de propaganda de pasta de dentes, rabo empinado. Minha cintura era tão fina que eu até não resisti a verificar se não faltariam algumas das minhas costelas.

Pai Natal, aquilo era incrível. Eu me olhava no espelho e quase me apaixonava por mim, tamanha era a minha beleza. Eu saía na rua e todo mundo me olhava, e meu peito se enchia de orgulho por causa disso. Facilmente tive vários admiradores, homens com quem eu saí, homens que me ofereciam flores, homens que viviam à minha volta, homens que se ajoelhavam aos pés da minha beleza.

Sabe o que aconteceu, Pai Natal? Não, Pai Natal, eu não estava feliz. Eu constatava que a minha beleza não supria todos os meus desejos. A minha beleza não garantia que as pessoas gostassem de mim de verdade, por aquilo que eu era, por aquilo que eu falava ou por aquilo que eu pensava, as pessoas só gostavam de mim pelo meu corpo, pelas minhas mamas, e principalmente por elas próprias, por aquilo que representava para elas ter uma pessoa tão bonita como eu ao lado.

Foi aí que eu fiquei fraca, Pai Natal, fiquei fraca e me apaixonei, me apaixonei por um homem comprometido, ele era tudo o que eu queria num homem, eu me sentia nas nuvens quando estava perto dele. E você sabe o fim da história, não sabe, Pai Natal? Sim, você sabe, você não nasceu ontem... Esse homem não deixou a sua relação por causa de mim, a minha beleza não foi motivação suficiente para que ele deixasse tudo para ficar comigo.

Eu fiquei indignada, Pai Natal, eu juro que eu fiquei indignada, confesso que a minha revolta era muito grande naquele momento, como aquele idiota era capaz de menosprezar uma beleza como a minha, como ele não era capaz de dar valor à minha beleza, uma beleza que me cercava de tantas outras pessoas que me idolatravam, que fariam de um a tudo para ter um pouquinho daquilo que eu já dei para esse homem?

Mas eu não tinha forças para lutar contra isso, Pai Natal. Não adiantava eu ficar me comparando a ninguém, não adiantava eu mostrar para ele que aquela minha beleza era tudo o que um homem podia sonhar. Fiquei muito desapontada, Pai Natal, e para esquecer essa minha desilusão eu resolvi fugir.

Pensei em pedir ao Génio da Lâmpada para me dar um carro, eu precisava de um transporte para a minha fuga. Quando ele esfregava as suas mãos na lâmpada eu me arrependi, ainda a tempo de formular melhor o meu pedido. Se eu tenho um Génio da Lâmpada só para mim, porque eu vou gastar o meu segundo pedido com um carro, se eu posso pedir para ser milionária e assim ter quantos carros que eu bem entendesse?

Eu tinha que ser milionária, Pai Natal, porque sendo milionária eu sabia que ninguém mais iria me pisar, eu estaria na posição de poder, eu nunca mais sofreria, ninguém entraria na minha vida sem me pedir permissão, e quanto menos pessoas entrassem na minha vida, menor era a probabilidade de eu voltar a sofrer como antes.

Agora eu era bonita e rica, Pai Natal, eu viajava o mundo inteiro. Mais até que você, eu sei que você deve estar morrendo de inveja agora. Eu tinha várias empresas, porque tinha descoberto que não bastava eu ser rica. Eu tinha que ser magnata de alguma coisa, dona de qualquer coisa que fosse chamada de império, deixar a minha obra no mundo, uma obra que fizesse com que as pessoas sempre se lembrassem do meu nome.

E conforme eu planeei, ninguém mais entrou na minha vida sem pedir licença. Pior que isso, Pai Natal, ninguém mais entrou na minha vida, com ou sem licença. E eu fui ficando cada vez mais sozinha.

Eu conhecia o mundo inteiro, e não tinha ninguém para viajar comigo, nem mesmo tinha alguém para quem mostrar as fotografias das minhas viagens, fotografias tiradas automaticamente, era apertar o botão e correr para o ângulo da foto antes que o botão disparasse sozinho naqueles segundos programados. Quando pagava alguém para tirar as minhas fotografias, essa pessoa sempre me mandava sorrir, eu sorria mas não estava feliz. Eu falava dezenas de línguas, mas não tinha ninguém com quem praticar, tantas línguas de nada me valiam se eu não conseguia me comunicar.

A seguir eu não pedi ao meu Génio da Lâmpada para ser mais inteligente, Pai Natal, eu sei que ser uma mulher bonita, rica e inteligente seria o ideal, o perfeito, o mais que perfeito, o impossível, era o que diriam alguns debochados e invejosos.

Eu estava sozinha, de que valeria ter tanta inteligência sem ter ninguém com quem conversar, com quem discutir as minhas ideias, ou alguém mesmo para me desafiar, para tentar me provar que talvez fosse mais inteligente que eu, quando eu fingia que a minha inteligência não vinha de um Génio da Lâmpada? Eu já tinha alguma inteligência, só ambicionaria uma inteligência maior se isso não voltasse a me afastar das pessoas, e a minha intuição não dizia que tal não voltaria a acontecer.

Você está equivocado, Pai Natal, eu não pedi o amor para poder compensar a minha solidão. Eu já sabia que o amor não se pede. Como seria eu ter um homem que me amasse porque o tal Génio da Lâmpada me concedeu esse pedido? Eu seria ainda mais infeliz, Pai Natal, toda vez que olhasse para os seus olhos tão possuídos de ternura, toda vez que beijasse a sua boca ou entregasse o meu corpo para aquele homem, eu saberia que ele só me amava porque o meu Génio da Lâmpada havia me concedido esse pedido, eu me lembraria que o amor era uma manipulação e um capricho. Era ter e não ter. Amor pela metade não é amor.

Eu viveria de brincadeira, eu não viveria de verdade, eu viveria dentro de uma mentira, uma mentira que só eu e o meu Génio da Lâmpada conheceríamos.

Eu também não tinha muitos amigos. Algumas pessoas invejavam a minha beleza, outras ambicionavam o meu dinheiro, e nenhuma dessas pessoas que me odiavam tinham motivos para alimentar esse ódio, porque elas não me conheciam por dentro, não me conheciam para além da minha beleza e do meu dinheiro.

Só eu, Pai Natal, só eu me conhecia completamente, para além da minha beleza e do meu dinheiro. Também não ia pedir amigos forçados, seria o mesmo que viver no meio de uma dezena de robôs.

Então, Pai Natal, eu fui original, pela primeira vez. Eu pedi uma outra pessoa igualzinha à mim, ou sendo mais específica, eu pedi um clone meu ao Génio da Lâmpada.

No início foi maravilhoso, ela era a minha melhor amiga. Viajávamos juntas, tirávamos fotos juntas, jantávamos em lugares muito exóticos, nos divertíamos à grande e ao dobro.

Era tanta felicidade que mais se comparava ao início de um namoro. Onde íamos as pessoas nos admiravam, diziam que éramos irmãs gémeas. Gostávamos das mesmas coisas, falávamos dos mesmos assuntos, e desfrutávamos da nossa mesma riqueza.

Eu nunca tinha me sentido tão feliz desde que tinha me tornado bonita e rica. Agora eu podia compartilhar tudo o que eu tinha, e nunca mais me sentiria só.

Até que, Pai Natal, o pior aconteceu. Não, o meu clone não morreu. Estivemos quase para matar uma à outra.

Porque ter uma pessoa igualzinha à mim equivaleria a eu ter que encarar também os meus piores defeitos. Não era como me olhar no espelho, eu posso ver tudo o que há de errado em mim, mas o espelho não vai me dizer nada, ele sabe qual é o seu espaço e eu sei qual é o meu. Já o meu clone não tinha limites, fronteiras, não havia nem mesmo um pedaço de vidro entre nós.

Ela me atacava, eu sentia vergonha de certas atitudes dela, porque eu sabia que certas atitudes eram originalmente minhas. Era muito mais fácil ver no meu clone os meus defeitos tão estampados, era muito mais fácil ter um ódio sobrenatural por ela do que por mim mesma.

Ela ainda tentava ser dissimulada, ainda tentava disfarçar tudo, mas nós éramos a mesma pessoa, e por isso era inútil aquele jogo. E sempre que jogávamos, era como se quiséssemos concorrer uma com a outra.

O meu espelho nunca me machucou tanto quanto ela. Ela era o meu espelho com mais movimento, com mais vida, ela estava do lado de cá, tendo todas as experiências que a pessoa do outro lado do espelho não tinha.

Começamos a nutrir aquele sentimento de infelicidade, aquele sentimento que não se torna menor por estar a ser dividido por duas pessoas, era como se o sentimento estivesse doendo ao dobro, como se esse sentimento tivesse se tornado gigantesco, incontrolável.

E ao invés de poder aproveitar tudo ao dobro, como era a ideia inicial, começamos a viver tudo pela metade. Cada uma queria o seu espaço, queria a sua individualidade. Nós duas queríamos as mesmas coisas, coisas que, por regra, pertenceriam apenas à uma de nós.

Foi quando começamos a ser mais agressivas, e iniciou-se o conflito, que nos conduziu a um confronto directo.

Eu bem sabia de tudo aquilo que ainda não tinha conseguido conquistar sozinha, mas que com a presença dela ainda seria mais difícil de conquistar. Apesar de ela ser eu, e de ambas sabermos disso, ela era mais livre que eu. Ela tinha se permitido ser tudo aquilo que eu aprisioneei a vida toda dentro de mim.

Mas afinal ela acabava por querer essas mesmas coisas que eu: a admiração das pessoas, o respeito e o amor delas. Ela sentia que eu inibia o seu espaço, e eu sentia que ela estava a tomar o espaço que sempre tinha sido meu, que tinha sido uma tremenda ingrata por agora querer o papel principal depois de eu tê-la permitido existir. Eu tratava-a como se ela fosse um anexo meu, e desconhecia que ela sempre esteve dentro de mim.

Foi isso o que o Génio da Lâmpada lhe disse quando ela foi procurá-lo, explicando que, por ela ser eu, deveria também ter tido o direito aos seus três pedidos. O Génio da Lâmpada responde que os três pedidos foram esgotados e ela ficou apavorada, talvez menos apavorada que eu, que sabia que não poderia ter mais um pedido, nem mesmo um pedido para desfazer esse último, ou, numa situação mais drástica, desfazer todos eles. A minha sina seria viver com ela para sempre.

Eu sou muito exigente, Pai Natal. Tem gente que vive a vida toda esperando que algo aconteça, e, quando acontece, aquilo que tanto ansiou já não tem graça nenhuma. Como já tinha acontecido com as minhas bonecas.

Tem gente que passa a vida a esperar por um grande amor, a idealizar o seu grande amor. Ele vai ser bonito, inteligente e rico. E de repente aparece aquele homem bonito, inteligente e rico, mas ele tem uma barriguinha, e por ter essa barriguinha ele já não pode mais ser o seu grande amor. Ou então aparece um homem feio, ignorante e pobre, para ele você nem vai olhar, porque você se concentrou tanto na imagem do amor que se despreocupou com aquilo que era o mais importante, ou seja, com o amor.

Somos muito idealistas, Pai Natal, e quanto mais idealistas somos, mais exigentes nos tornamos, e quanto mais exigentes, mais cegos. Pelo menos às vezes, pelo menos quando olhamos para o lado errado. É como se a gente às vezes só olhasse para um lado da rua, como se o carro só fosse nos atropelar quando ele vem daquele lado.

Você deve estar se perguntando como foi que eu me liberei do meu clone. Eu não me liberei dela, Pai Natal, eu aprendi a viver com ela. Como foi que acabou a história? Eu simplesmente acordei. Eu acordei do meu sonho, e vi o quanto eu era feliz por ser eu mesma, do jeitinho que eu sou, com todas as coisas que eu tenho e até mesmo com aquilo que eu não tenho.

Olhei-me no espelho e sabia que ele não ia me morder. Eu tinha aprendido que eu podia ser a minha melhor amiga como também a minha pior e mais forte inimiga. Tinha aprendido o valor de todos os meus desejos, e que até os meus desejos tinham as suas consequências. Às vezes pensamos tanto no que queremos que nos esquecemos o que isso pode trazer ou significar. Nos esquecemos que a vida às vezes parece uma troca, recebemos algo ao abdicarmos de algo. E será que sempre fazemos a troca justa? Só vendo, só vivendo.

Vale a pena arriscar, porque quando não arriscamos, nada acontece. Quando não arriscamos, não temos nem a oportunidade de saber a reacção do Pai Natal quando lhe pedimos um strip-tease. Vivemos sempre na dúvida, no medo, na indecisão. Viver na dúvida, no medo e na indecisão é não viver. É viver de mentirinha. É brincar de viver.

Mas temos que ser sensatos, se não queremos pagar um preço muito alto pelas nossas apostas. Um preço que não temos como pagar.

Eu sei, você estava esperando uma carta com uma lista de pedidos de Natal. Não se preocupe, eu vou fazer o meu pedido, e será apenas um pedido.

O que mais eu vou querer agora? Um carro do ano, uma casa maior, um marido mais exemplar? Porque será que eu sinto que o nível de exigência se baseia naquilo que pode servir de comparação com os outros?

Às vezes podemos ter tudo, Pai Natal, e mesmo assim nos restará a sensação de que algo falta ou de que algo está incompleto. É como se eu tivesse o carro do ano e não tivesse a carta de condução. É como se eu tivesse uma casa com 36 quartos e morasse sozinha. É como se eu tivesse um marido exemplar que fosse impotente.

Por isso, Pai Natal, eu não vou pedir nenhuma dessas coisas, porque eu sei o quanto seria arriscado, eu sei que não poderia calcular todas as consequências dos meus pedidos.

Eu não voltarei ao meu pesadelo, não pedirei para ser bonita nem milionária, nem voltarei ao erro de querer me duplicar. Eu já me basto.

Pensei na inteligência, na inteligência que abdiquei no meu pesadelo e no quanto ela pode ser uma bem valia para conduzir a minha vida. No quanto o meu sonho estava desordenado, afinal o normal é sermos inteligentes para ganhar muito dinheiro, e depois usar o dinheiro para fazer uma plástica. Estou brincando de novo, Pai Natal, você parece que não tem nenhum sentido de humor, eu não estou pensando na inteligência por razões materiais ou estéticas.

Eu quero usar a palavra certa, pelo menos dessa vez, Pai Natal. Eu não quero que me dê nada, nada de material que eu não possa conquistar sozinha, nada de emocional que eu não possa receber por mérito meu.

O que eu peço é portanto a sabedoria, para saber fazer a coisa certa na hora certa, de modo que as consequências das minhas escolhas sejam menos duras.

Feliz Natal para você, Pai Natal. E vê se descansa bastante, Pai Natal, porque se a minha escolha não for a mais acertada, no ano que vem pode ser que eu lhe peça o strip-tease!

Sobre os textos

Os dois textos desse documento que você recebeu ou baixou são da autoria de Paula Lee, do blog Amante Profissional (www.amanteprofissional.com/blog).

Os textos são disponibilizados gratuitamente para *download* aos leitores do blog. Você tem o direito de passar esse texto para quem quiser, desde que não esqueça de atribuir os devidos créditos, por favor.

Esse documento poderá em breve sofrer alterações feitas pela autora ou receber novas páginas, por isso não deixe de consultar o blog e conferir as novidades.

Ambos os textos foram escritos no dia 17 de dezembro de 2006, domingo, e colocado disponível para download no dia seguinte, 18 de dezembro.

Se quiser comentar sobre esses textos, faça-o através do e-mail paulaleeportugal@yahoo.com.br .

No mais, Feliz Natal! Não é da boca para fora, é mesmo de coração. Que 2007 seja O ano!

Escrito em 18 de Dezembro de 2006.

Sobre a autora

Paula Lee é a autora do livro «ALUGO O MEU CORPO», Temas D’Hoje - Publicações Dom Quixote - 2007.

Os textos acima, escritos num único dia, foram disponibilizados aos leitores do blog Amante Profissional (<http://amanteprofissional.com/blog>) no Natal de 2006 e agora também está disponível para download através do site do livro ALUGO O MEU CORPO (<http://alugomeucorpo.com>).

O propósito é que, a cada ano, novos textos sejam acrescentados nesse trabalho.

Escrito em 30 de Junho de 2007.